

Relato**DIREITO À LUZ: MOBILIZAÇÃO
CONTRA A EXCLUSÃO ELÉTRICA
NO SUDOESTE DA BAHIA**

DANIEL PICCOLI*

Já passava das 10 da noite. Estava terminando de imprimir o abaixo-assinado e o documento que deveriam ser entregues ao Coordenador do Comitê Gestor Estadual de Universalização (CGEU), Paulo Fernando Rangel de Lima, e ao Gerente da Unidade Regional da Companhia de Eletricidade do Estado da Bahia (Coelba), quando o telefone toca.

— *Oi, Danié, aqui é o Zelino* (risada)... *o Zelino da Floresta!* (outra risada).

— *Quem?*, pergunto eu, quase gritando, incrédulo.

— *O Zelino da Floresta!* (outra risada mais forte e vozes ao fundo).

— *Tá falando de onde?*

— *Daqui de casa mesmo!* (risada).

— *Como é que é?*, digo, sem acreditar.

— *É, Danié! É isso mesmo! Botaram um telefone pra gente!* (risada).

A conversa tava boa: ia demorar. — *Zelino, me dê o seu número que eu te ligo*, sugiro eu, pois conheço bem a sua situação: o feijão foi todo perdido. O primeiro plantio, por conta da seca de novembro e dezembro; o segundo, por causa das chuvas. Sobraram o milho, a farinha — pouca, pois a mandioca era ainda muito nova, cheia de água —, uns cachos de banana da prata e da terra. Só isso, para garantir a pouca feira na Mata Verde. O resto vem da roça mesmo: o ovo, o frango, a batata doce, o inhame.

— *Não dá não, Danié! Não tem número não!*

— *Como não tem número?*, pergunto eu.

— *Não tem não sinhô! É telefone experimentá!*

— *Mas a conta vai ser cara, Zelino!*

— (risada) *Vai não, Danié! Por enquanto nós não paga nada não!* (nova risada).

Para encurtar a estória: falei longamente com Zelino, a mulher — não lembro o nome dela — e mais um companheiro da comunidade. — *Tudo certo para a mobilização. Vêm três da Floresta. Mas muita gente queria vir. — Muita gente não dá não, Zelino. O ônibus da Vila já está lotado.* O problema é sempre o transporte! Onde arranjar dinheiro para o ônibus? Terminado o telefonema, fiquei matutando. Se nem energia tem, como é que já tem telefone na casa de Zelino?¹.

Joselino Amaral é o número doze da lista de abaixo-assinado de mais de cinquenta grupos ou comunidades que estiveram presentes na mobilização da energia. Ele é o retrato fiel do camponês, pequeno agricultor, da divisa da Bahia com Minas. De porte frágil, pequeno, franzino, de pele queimada e traços indígenas, tem fala mansa, quase cantada. Costuma falar de cabeça baixa, sem olhar para você, coçando a cabeça, procurando as palavras, balançando o corpo. Mas é um animador e tanto. Anima a comunidade, como se costuma ainda dizer por aqui; faz o culto e a reunião. É também um líder da Pastoral da Criança, uns dos poucos homens que se dedicam a esse trabalho na região. É presidente da Associação dos Pequenos Agricultores da Floresta, no município de Encruzilhada (BA), e ainda coordena um grupo de base do Movimento dos Pequenos Agricultores (MPA). Aliás, faz parte também da Coordenação Municipal do MPA. Guarda com orgulho a bandeira do Movimento na gaveta da mesa da cozinha.

Como Sebastião, Antônio, Adenilson, Laurindo, Zuza, Cezar, Reginaldo e tantos outros, Joselino saiu de casa — se assim se pode chamar o barraco de enchimento no qual mora ele, a mulher, duas filhas e dois rapazes que o ajudam na roça, numa ribanceira que dá medo — por volta de uma hora da madrugada (sorte que a lua estava boa!). Foi com mais dois companheiros da Associação. A mulher, de última hora, foi também. “*Nunca participei de uma mobilização. Quero ir também*”. O grupinho se fez coragem. Poucos se

1. Movido a bateria, o aparelho fica dentro de uma caixa de sapato, sobre a mesa principal da casa, coberto por um pano. E já tem número.

aventuram a andar sozinho naquelas paragens, a altas horas da noite, principalmente em época de colheita do café, quando circula um minguaado dinheiro também nos bolsos do peão e o risco de assalto aumenta muito.

Por volta das 7 da manhã, já tinha gente na “praça da pedra”, ponto de encontro marcado, ali, bem em frente à sede do MPA. Sandra, uma assentada do Recanto da Águas, chamada a cozinhar sempre que há alguma mobilização do Movimento, começa a preparar o café. Antônio de Inês chega já por volta das 8 horas, com a Kombi, o som instalado e os pães. É ele que faz a propaganda de Noeci Salgado, vereador do Partido dos Trabalhadores (PT). Peço que tire os adesivos, para não criar problemas. O povo já faz fila. Do lado de cá, para dar o nome do grupo presente na mobilização, a localidade, o município, quantas famílias moram no local e informar se já existe projeto de eletrificação ou não. Um representante por cada grupo ou localidade. Do lado de lá, a fila do café.

Aos poucos vão chegando camponeses das mais diversas localidades, ocupando a casa onde funciona a sede estadual do MPA, um imóvel antigo, de muitos cômodos, com cozinha ampla, boa para essas ocasiões. Já não cabe mais gente na casa. Rafael e Maria vão pedindo que o povo se junte em frente à sede, na rua mesmo. Muitos já se conhecem de outras atividades, vão batendo papo, conversando das novidades, perguntando do movimento, do grupo e... da política também. Por volta das 8,30 horas começam a ser hasteadas as bandeiras do MPA e da Via Campesina em varas e canos de PVC. O som toca a música: *“Não tenho vergonha de dizer... Pequeno em movimento, gigante...”*, diz o hino do MPA.

Começam a se formar as fileiras. A segurança já vai se posicionando para interromper o trânsito dos carros na praça. O movimento das ruas adjacentes é grande: nesta hora há muita gente chegando, principalmente do interior, pois a “praça da pedra” é ponto de desembarque da maioria dos ônibus do interior. Muita gente pára para ver. Alguém pergunta: *“Quem é o candidato?”*. *“Aqui não é candidato, não! Aqui é o MPA!”*, responde João Aguiar. Já foi da Coordenação Estadual do MPA; hoje trabalha na Articulação do Semi-Árido (ASA), uma organização não-governamental (ONG).

“Companheirada, bom dia!”, grita Maria no microfone. *“Vamos lá, companheirada! Hoje é o nosso dia. Hoje é nós na rua de Conquista outra vez! Vamos lá! Vamos formar duas filas! A bandeira grande na frente. As bandeiras da Via Campesina, do MTD [Movimento dos Trabalhadores Desempregados] e do MPA ao lado. Peguem os apitos, a folha dos cantos, bonito, bem*

animado! Vamos lá! ”. É a vez de Joseli: “Este é o nosso país, esta é a nossa bandeira... ”.

Chega Galvão, do MTD: *“O pessoal dos bancários pediu pra a gente passar na praça Barão do Rio Branco para dar uma força”* (nessa praça se concentram quase todos os bancos de Vitória da Conquista). *“Por mim, tudo bem, responde Diacísio, mas veja também com os outros da Coordenação”*. Adenilson pergunta: *“O MST [Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra] foi convidado?”*. *“Foi, responde Maria, mas disseram que não iriam participar”*.

A caminhada começa. O trânsito é interrompido. A segurança garante que os carros não invadam. O povo das lojas, os feirantes da CEASA (feira livre de carnes, frutas e verduras), as donas de casa, os aposentados, os passageiros dos ônibus... todos param para ver a caminhada passar: *“Povo de Conquista, aqui estão os camponeses, o MPA, o pessoal do MTD. Tem gente de Anagé, de Encruzilhada, Ribeirão do Largo, Cândido Sales, Brumado, Jânio Quadros, Vitória da Conquista. Também a CPT [Comissão Pastoral da Terra], a ASA e o CEAS [Centro de Estudos e Ação Social] estão com a gente. Nós estamos mobilizados, na rua, para dizer que lá na roça falta muitas coisas, que a vida na roça está difícil, que não tem água, não tem energia...”*.

Rafael se aproxima do carro de som, cochicha no ouvido para Maria: *“Não fala que nós vamos para a Coelba! Diz que a gente veio para dar apoio à greve dos bancários, à ocupação do MTD e aos estudantes universitários da UESB [Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia]!”*. A primeira parada é na praça Barão do Rio Branco, como combinado. A polícia já está lá. Duas viaturas, dessas novas que a polícia ganhou alguns dias atrás — afinal, um dos temas mais graves, também em Conquista, é o da segurança, e Coriolano Sales, candidato derrotado a prefeito pelo Partido da Frente Liberal (PFL), estava jogando duro contra o candidato petista, que rebatia: *“Segurança é com o Governo do Estado!”*. Logo aparece, como sempre, a caminhonete cabine dupla do Grupo de Operações Especiais (GOE), observando de longe.

“Companheirada, vamos fazer uma parada aqui em frente ao Banco do Brasil. Vamos dar uma vaia bem grande para o gerente do banco? Huuuu! Companheirada, não é só nós que sofre, não! Bancário também sofre! Bancário também é perseguido, é demitido quando faz greve! O banco demite funcionário, o banco não quer dar aumento de salário. O pior é o Bradesco! É uma falta de vergonha com os clientes, as filas são imensas! Companheirada, vamos dar outra vaia bem grande? Huuuuuuuu!”.

E mais apitação. Segue um rápido discurso de Eduardo Moraes, filiado ao Partido Comunista do Brasil (PCdoB) e presidente do Sindicato dos Bancários, sobre os motivos da greve. Fala também Diacísio, pelo MPA. Lembra o crédito, as dívidas dos pequenos agricultores, as ocupações dos bancos, a situação dos camponeses e dos trabalhadores urbanos, os altos lucros dos bancos. Pede a união e o apoio dos camponeses às lutas urbanas: *“Mas vocês, também, procurem tratar melhor o camponês quando ele vem ao banco!”*.

O recado está dado. A caminhada retoma o seu rumo: praça Tancredo Neves, em frente à Catedral, antiga rua da Boiada, a 10 de Novembro... *“Cuidado: a TV Sudoeste chegou! Não entrega o ouro! Companheirada, agora nós vamos para a Universidade”*. E o cinegrafista Ricardo (que conheço desde o grupo de jovens “Juventude Unida das Graças”), da TV Sudoeste, filmando tudo. O sol está forte. Já são 11 horas da manhã: duas horas de caminhada, e a avenida Olívia Flores é cumprida. Muita gente pede água. Raimundo, com problemas de coluna como eu, pede para entrar no carro. Também Sebastião, que anda mancando, precisa subir — a moto caiu bem na perna dele, na ladeira do “lava-pé”, quase quebra a perna.

Aos poucos a caminhada chega ao seu destino. *“Companheirada, é aqui!!! Vamos lá, companheirada, vamos ocupar a Coelba!”*. A turma da segurança, encarregada de puxar a ocupação, comandada por João Aguiar, Adenilson e Napoleão, entra com tudo. O segurança, coitado, não entendeu nada. Estava espiando aquela caminhada se aproximando de longe, apoiado na grade. Quando fez menção de fechar a porta de vidro, já era tarde demais: quinze cinquenta, cem pessoas com bandeiras e apitos já estavam lá dentro. Os funcionários arregalando os olhos; os clientes, que estavam sendo atendidos ou aguardando a vez, também se assustaram com aquele movimento. Os funcionários deixaram os computadores e foram se refugiar atrás do balcão. Em poucos segundos, a frente da sede regional da Coelba, a entrada e o saguão estavam tomados. A Kombi de Antônio pára bem em frente ao portão principal. A segurança já toma conta do portão: *“Ninguém sai e ninguém entra!”*. Tem muita gente lá dentro. Mas tem muita gente aqui fora também.

“Licença, gente, licença”. Não é fácil entrar. Veio muita gente mesmo. Seria bem mais se não fosse o transporte tão caro! Ao chegar no saguão tomado de gente, a primeira sensação é o “cheiro”. Um cheiro diferente, característico de povo, cheiro forte de suor e de roça. Os funcionários estão apavorados; olham mudos, sem saber o que fazer. O segurança, também. Polícia, nem a sombra.



Ocupação do prédio da Coelba de Vitória da Conquista por pequenos agricultores do sudoeste da Bahia.

“Quem é o gerente aqui?”, pergunta Maria. Um jovem se apresenta (“Mas não era uma mulher?”, questiona alguém da Coordenação). No crachá tem o nome dele: Augusto. Pede para formar uma Comissão. Pergunto se tem um lugar amplo para poder recebê-la. Ele sugere dividir por localidades ou municípios e diz que vai receber cinco ou seis por vez, no máximo. A proposta é rejeitada. “É todo mundo!”, responde Maria. “É ou não é, companheirada?”. “Éeeeeee!”, grita a multidão.

“E quantos são?”, indaga Augusto. “Ah, são mais de cinqüenta!”, retruca Maria. “Mais de cinqüenta? Não dá! Não tem lugar pra tanta gente!”. Começa a primeira negociação. A maioria vence: Augusto aceita receber todo mundo no saguão mesmo. A Coordenação pede ao pessoal para sair e deixar lugar à Comissão, que já foi escolhida: um representante de cada grupo. Ao todo, 56 pessoas, mais a Coordenação do MPA e do MTD. Uns sentam nas cadeiras, a maioria se acomoda ali mesmo, no chão. “Nós temos aqui um documento que queremos entregar ao Coordenador do CGEU e ao Gerente da Unidade Regional da Coelba”. “Pois não!, responde Augusto, estou à disposição de vocês”. Joseli faz leitura do documento:

Ao Senhor Coordenador do Comitê Gestor Estadual de Universalização
Paulo Fernando Rangel de Lima
Administração Regional de Paulo Afonso
Companhia Hidro Elétrica do São Francisco (CHESF)
Rua do Triunfo, 170 — CEP 48600-000 — Paulo Afonso (BA)

Estimado Sr. Coordenador do Comitê Gestor Estadual de Universalização,

O governo Lula lançou o programa Luz Para Todos, que tem o objetivo de levar energia elétrica para mais de doze milhões de pessoas até 2008, acabando, assim, com a exclusão elétrica no país, principalmente na zona rural. Sabemos que as famílias sem acesso à energia estão majoritariamente nas regiões de menor Índice de Desenvolvimento Humano e que, na Bahia, são mais de 370 mil domicílios rurais sem energia elétrica.

O Movimento dos Pequenos Agricultores está na luta contra a miséria e a exclusão social. Queremos energia e luz também no interior para melhorar nossa qualidade de vida e aumentar a produção. O MPA e as lideranças abaixo-assinadas vêm REQUERER:

1. A imediata execução dos projetos de eletrificação já prontos na Coelba e relacionados em anexo;
2. A pronta elaboração e execução dos projetos solicitados e também relacionados em anexo;
3. A redução tarifária para a população de baixa renda;
4. Custo diferenciado menor para a energia rural;
5. O fim dos subsídios aos grandes consumidores;
6. Revisão da política energética no país.

Manifestamos ainda nossa posição contrária à construção das grandes barragens e nosso apoio à busca de fontes alternativas de energia e ao controle estatal do setor elétrico, pois a água e a energia, dois bens estratégicos para nossa soberania, devem estar sob o controle do povo brasileiro. Esperamos que essas nossas reivindicações sejam prontamente atendidas.

Atenciosamente,

Coordenação Estadual do MPA

Vitória da Conquista, 21 de setembro de 2004².

2. Segue, em anexo ao documento, a lista dos grupos e localidades presentes na mobilização.

Feita a leitura e a entrega do documento, enquanto um grupo distribui Nota à população na avenida Olívia Flores explicando os motivos e a pauta da reivindicação (vide *Anexo*), abre-se espaço para falas e denúncias. Cada um tem um caso para contar. Exupério denuncia que na região dele, Santa Rita de Cássia (em Encruzilhada), a Coelba colocou os postes de alta tensão, levou a energia para meia dúzia de fazendeiros mas deixou mais de duzentas famílias no escuro; e na lista dos projetos realizados, acessível no próprio *site* da Coelba, consta que todos têm energia. Outros tomam a palavra, dizem que é isso mesmo, que a mesma coisa está acontecendo em muitas outras localidades. Augusto toma nota numa plaqueta, impassível. Os outros funcionários assistem. Saio para ver como está sendo encaminhado o almoço.

Um funcionário — parece ser um daqueles que detesta cheiro de povo — me diz em tom irritado: *“É uma vergonha! Estão mijando aqui no fundo. Não sabem usar o banheiro não?”*. Um outro, que se identifica como delegado sindical da empresa, me chama num canto e confidencia: *“a gerente conseguiu escapular pelos fundos!”*. Revela ainda que a empresa está demitindo funcionários (dos sete mil anteriores restam menos de dois mil) e pressionando as empresas terceirizadas, ameaçando cortar convênios...

Quando retorno para dentro o assunto é o uso da energia elétrica em tempo de política. *“Tem muito vereador por aí, e prefeito também, dizendo que vai botar energia. É deputado, até governador, fazendo promessas e mais promessas: entra ano e sai ano, passam as eleições, e nada! Lá em Bate Pé até os postes que estavam fincados tiraram”*, critica João Camisão (todos conhecem o episódio: foi nas eleições para prefeito de 2000. Coriolano prometeu energia para o povoado; alguns dias antes da eleição, a Coelba colocou os postes. Passada a votação, que ele também perdeu, dessa vez para Guilherme Menezes, os postes foram retirados. Os buracos vazios estão ainda no local!). Alguns trouxeram contas de energia com valores absurdos sendo cobrados. Casa com quatro lâmpadas e um chuveiro, sem geladeira ou outro eletrodoméstico qualquer, pagando conta de até R\$ 80,00. Outros dizem que na sua comunidade a energia é muito fraca:

— *Se ligar o chuveiro, cai tudo. Imagina uma bomba para puxar água, uma casa de farinha!*

— *Tem que ser trifásica*, explica Augusto.

— *Tem que ter um transformador de 300*, complementa um outro funcionário da Coelba, ao lado de Augusto.

— *E quem é que paga o transformador?*, rebate Sebastião do Cedro. *É o nosso caso: nós têm lá uma máquina de beneficiar café. Ficou mais de ano parada porque a Coelba botou um transformador fraco. Tivemos que comprar um outro transformador mais potente. Custou mais de quatro mil reais! (Buuuu!).*

— *Viu o que significou a privatização da Coelba?*, emenda alguém.

Todos querem falar, contar uma história. Augusto pergunta em voz baixa ao funcionário do seu lado: *“O portão está liberado?”*. Alguém responde: *“Está não! Ninguém sai e ninguém entra!”*.

Rafael, novo de idade mas manjado de mobilizações, fala para mim de forma que dê para Augusto ouvir: *“Hoje não vai dar não! Vamos ter que dormir aqui”*. A Coordenação do MPA quer telefonar para o próprio Paulo Rangel, Coordenador do CGEU. Meu celular toca. É Romário, da Coordenação Nacional do MPA, ligando de Brasília: *“Como estão as coisas por aí?”*, pergunta. Converso longamente com ele pelo celular, no banheiro, para ter mais liberdade. Depois falo também com a jornalista responsável pelo setor de imprensa do Movimento. Passo os detalhes da mobilização, número de pessoas mobilizadas, quantidade de grupos, municípios presentes etc. Romário pede que a gente encaminhe também um documento para a ministra de Minas e Energias. Volto ao saguão. Já estão distribuindo pão com mortadela e água — foi o que deu para comprar na padaria da esquina. É agendada uma reunião com Paulo Rangel e a Gerente Regional da Coelba para 6 de outubro³. *“Queremos um relatório detalhado do andamento de todos os projetos, rebate Diacísio, com prazos para execução. Se não for assim a gente volta, desta vez com mais gente!”*.

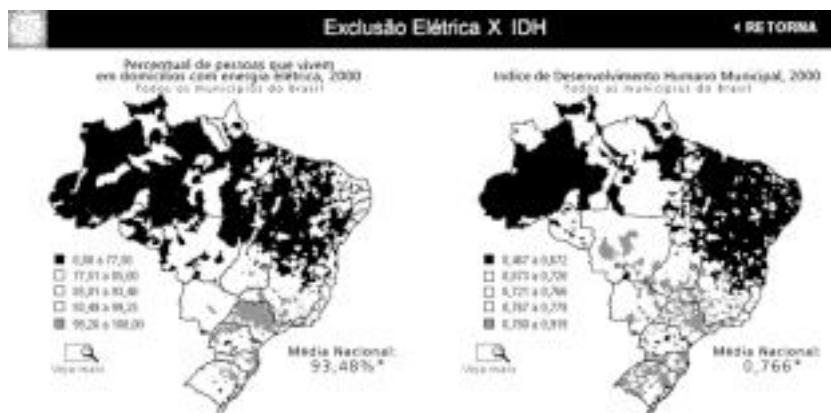
“Companheirada, o que vocês acham?”, pergunta Rafael. *“Estão satisfeitos com a resposta da Coelba?”*. O pessoal avalia: *“Vamos sair ou vamos ficar aqui?”*. Depois da discussão, todos decidem liberar a entrada e sair da Coelba. Em frente, usando o carro de som, mais umas falas para comunicar ao restante do pessoal, que ficou do lado de fora e só pode espiar pelas janelas, como foi a negociação lá dentro. João Aguiar recita a poesia da *Mãe-Terra*, de sua autoria. São lidos os nomes dos membros da Comissão que deverá estar presente na reunião do dia 6 de outubro, no Centro de Treinamento de

3. Como Paulo Rangel assumiu a suplência de deputado estadual na Assembleia Legislativa da Bahia e o novo Coordenador do CGEU não tomou posse ainda, a referida reunião não aconteceu.

Líderes. Mais uns cantos. Chega Isaltiene, da CPT, com a proposta de um grupo de camponeses para ir até a Universidade prestar apoio e solidariedade aos estudantes que ocuparam um prédio em construção para exigir o refeitório e a residência estudantil que o atual reitor prometeu mas até agora não cumpriu.

O pessoal sobe com as bandeiras nos ônibus rumo à UESB, onde são recebidos com palmas e vivas. A grande maioria dos camponeses nunca tinha estado num campus universitário. Tudo é novo, diferente. Improvisa-se um ato público em frente à reitoria e uma rápida caminhada pelo campus. Alguns estudantes já são conhecidos: participaram do encontro da Via Campesina na semana anterior. É o pessoal da Federação dos Estudantes de Agronomia da Bahia (FEAB); tem estudante usando até boné do MPA. *“Pessoal, os motoristas estão com pressa!”*. Os ônibus servem também para o transporte escolar. Cézar está com medo de descer a serra do rio Pardo de noite porque o ônibus da Vila não está com os freios em boas condições.

Assim termina a mobilização. Já passa das 16 horas. O retorno vai ser longo: algumas horas de ônibus e uma boa caminhada debaixo da lua até em casa. A maioria só chegará altas horas da noite. Os que moram mais perto ainda têm tempo de passar no MPA para tomar um cafezinho. No final do dia, a Coordenação reúne rapidamente para fazer uma primeira avaliação e articular os encaminhamentos. O objetivo de denunciar a exclusão elétrica não



*Fonte: Atlas de Desenvolvimento Humano, 2000

Fonte: www.mme.gov.br (acessado em 25 de outubro de 2004).

apenas no Sudoeste baiano mas em todo o estado foi alcançado. Também visava acelerar o processo de universalização de eletrificação, principalmente no campo, uma vez que tal exclusão atinge, sobretudo, o interior e está diretamente relacionada à exclusão social, como revela o próprio *Mapa da Exclusão Elétrica* elaborado pelo Ministério de Minas e Energia.

Na mobilização, novos grupos entregaram suas solicitações de ligação (25 novas solicitações entregues, beneficiando diretamente cerca de seiscentas famílias). Outro resultado foi conseguir agendar uma reunião, em Vitória da Conquista, com a presença de um representante de cada grupo, o Coordenador do CGEU, o secretário de Infra-estrutura do Estado da Bahia e a Gerente Regional da Coelba. Com isso, espera-se que os projetos já prontos sejam executados o mais rápido possível e que a companhia de eletricidade dê andamento às novas solicitações. O que surpreendeu positivamente a Coordenação do MPA foi a maciça participação dos grupos e associações, revelando que, por parte dos camponeses, existe um desejo muito forte de, literalmente, “sair da escuridão”!

** Daniel Piccoli é assessor da Equipe Rural do CEAS e membro do Conselho Editorial dos **Cadernos do CEAS**. Do mesmo Autor, ver “Os camponeses brasileiros entre a resistência e a extinção” (**Cadernos do CEAS**, 204: 29-40. Salvador, Centro de Estudos e Ação Social, mar.-abr., 2003). [danielpiccoli@uol.com.br]*

ANEXO

MPA NA LUTA CONTRA A EXCLUSÃO SOCIAL E ELÉTRICA

O governo Lula lançou o programa Luz Para Todos, que tem o objetivo de levar energia elétrica para mais de doze milhões de pessoas até 2008, acabando com a exclusão elétrica no país, principalmente na zona rural. O mapa da exclusão elétrica no país revela que as famílias sem acesso à energia estão majoritariamente nas localidades de menor Índice de Desenvol-

vimento Humano e nas famílias de baixa renda. Cerca de 90% destas famílias têm renda inferior a três salários-mínimos e 80% moram no meio rural.

O Estado da Bahia tem o maior índice de domicílios rurais sem energia elétrica. Segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2001), são mais de 370.000 famílias. O programa está orçado em R\$ 7 bilhões e será feito em parceria com as distribuidoras de energia e os governos estaduais. Na Bahia, o investimento do governo federal é da ordem de R\$ 1,9 bilhão.

O Movimento dos Pequenos Agricultores (MPA) está na luta contra a miséria e a exclusão social. Queremos energia e luz também no interior para melhorar nossa qualidade de vida e aumentar a produção. Exigimos que os projetos de eletrificação já prontos na Coelba sejam realizados o mais rapidamente possível. Exigimos também o fim dos subsídios aos grandes consumidores, tarifa reduzida para a população de baixa renda, custo diferenciado para a energia rural e a revisão da política energética no país. Manifestamos nossa posição contrária à construção das grandes barragens e nosso apoio à busca de fontes alternativas de energia e ao controle estatal do setor elétrico, pois a água e a energia, dois bens estratégicos para nossa soberania, devem estar sob o controle do povo brasileiro.

ACREDITANDO EM NOSSA ORGANIZAÇÃO
É QUE VAMOS SAIR DA ESCURIDÃO!

MOVIMENTO DOS PEQUENOS AGRICULTORES (MPA) — REGIONAL
SUDOESTE — VITÓRIA DA CONQUISTA (BA)
MOVIMENTO DOS TRABALHADORES DESEMPREGADOS (MTD)
ASSOCIAÇÕES DE CAMPONESES

Apoio:

ARTICULAÇÃO DO SEMI-ÁRIDO (ASA)
CENTRO DE ESTUDOS E AÇÃO SOCIAL (CEAS)
COMISSÃO PASTORAL DA TERRA (CPT)